

GT39: Espiritualidade na Cidade

José G Magnani, Carlos Steil

Há algum tempo, os cientistas sociais da religião têm chamado a atenção para o fato de que o campo religioso está se tornando cada vez menos o campo das religiões. Tornou-se recorrente, nos meios escolarizados urbanos, a afirmação de pessoas que se reconhecem como espiritualizadas, mas não religiosas. Neste mesmo sentido, a interpretação dos dados do Censo/2010, relativos aos 8% dos que se declaram sem religião, tem destacado que esta porcentagem pode abrigar muitas pessoas que têm práticas espirituais fora do enquadramento institucional das religiões estabelecidas. A experiência que temos nos campos da antropologia urbana e da religião mostra que têm sido recorrentes pesquisas etnográficas sobre práticas espirituais e rituais de indivíduos e grupos que se definem em oposição às formas institucionalizadas de presença da religião na sociedade ou que se reproduzem, incorporando o mínimo de organização institucional. Reunir e pôr em diálogo algumas destas pesquisas e estimular o debate sobre a incidência e implicação destas experiências na reconfiguração do campo religioso na cidade, é o objetivo deste GT.

"WitchTok": reflexões sobre bruxaria e práticas ocultistas virtuais na pandemia

Autoria: Raisa Sagredo

O contexto pandêmico inaugurou um tempo de desafios, novas experiências e crises materiais e psicológicas que abalaram os seres humanos em escala global. Essa nova crise foi fenômeno sanitário e também da subjetividade humana, uma crise que pode ser interpretada como um momento de expansão da "consciência de totalidade global" (Robertson, 2000). Para alguns, nessas experiências de redescoberta do voltar-se para si e para a natureza, a busca por experiências de espiritualidade ganhou destaque. Práticas ocultistas e bruxaria ressurgiram com força e com uma nova roupagem: virtualmente, através do popular aplicativo de vídeos curtos TikTok. O boom dos temas bruxólicos e ocultistas na plataforma popularizou-se a partir do uso da #WitchTok, onde feitiços, rituais, ensinamentos, oráculos e outros conhecimentos de diferentes tradições neopagãs e ocultistas são compartilhados em poucos segundos ou minutos. Logo, o trabalho objetiva primeiramente se debruçar sobre a #WitchTok buscando definir e delimitar este novo fenômeno de espiritualidade urbana e virtual, para em seguida trazer reflexões sobre o porquê da emergência dessas manifestações de espiritualidade, indagando como se configuram essas práticas e quais os desdobramentos desse fenômeno internacional no Brasil, localidade em que o chamado fenômeno da WitchTok explodiu, a partir dos Estados Unidos, ganhando cada vez mais popularidade. As reflexões são feitas à luz das contribuições de Roland Robertson, Edgar Morin, Mircea Eliade e Sabina Magliocco. A metodologia proposta consiste em analisar a hashtag como uma fonte histórica, e na ausência de material acadêmico específico até o momento sobre seu uso no Brasil, analisar com base em dados observacionais, como a #WitchTok é utilizada em alguns dos perfis populares do segmento, bem como analisar também as notícias recentes vinculadas ao termo, em busca de responder os seguintes questionamentos: no Brasil, como se configura a fronteira entre as tradições neopagãs e outras religiosidades que se identificam com esse marcador? Como os temas do tarô, bruxaria, magia e astrologia são trabalhados nesse novo segmento de experiência espiritual? A final, o fenômeno é parte de um processo de "mediatização do Neopaganismo" (RENSER; TIIDENBERG, 2020), mas parece ir para além dele, englobando reflexões acerca do tempo na produção desse conteúdo virtual e principalmente do sincretismo religioso que se apresenta sob essa hashtag em nosso país, tão diverso e plural em termos de religiosidades.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

